

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

IMPLICAÇÕES DO USO DAS NOÇÕES DE GÊNERO PARA A PSICOLOGIA FEMINISTA A PARTIR DAS TESES DE JUDITH BUTLER

Clarice Rin Yamahuti (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil; Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: rin.clarice@gmail.com

Palavras-chave: Feminismo. Psicologia. Gênero. Problemas de gênero.

INTRODUÇÃO

As críticas feministas à ordem patriarcal de gênero têm sido incorporadas na psicologia em uma orientação teórico-epistemológica nomeada de psicologia feminista. Dessa ótica, trata-se de produzir conhecimento psicológico sobre a condição das mulheres considerando as opressões estruturais relativas à divisão binária e hierárquica de gênero, e os valores e ideais do feminismo como ideologia política (RUTHERFORD, 2021).

No início, o feminismo de primeira onda se concentrou em combater as noções biologicistas, que colocavam a mulher em um lugar de inferioridade em relação ao homem. O início do feminismo auxiliou a romper com tais noções, provando que os fatores biológicos eram tão pequenos quanto ao que diziam respeito à produtividade ou vivências das mulheres que podiam ser considerados insignificantes. Autoras como Simone de Beauvoir (1970), por exemplo, fizeram uma tentativa de retirar a mulher desse destino biológico. A tese muito conhecida da autora de que não se nasce mulher, mas se faz mulher no âmbito de relações sociais, retira da biologia a questão da opressão masculinista. Assim, podemos começar a pensar na opressão feminina pela sociedade patriarcal a partir de um olhar social.

Com isso, começa-se também a pensar em que mulheres são tratadas nesse feminismo. Se colocarmos todas as mulheres como alvo de uma mesma opressão masculina, então estaríamos generalizando e universalizando as vivências de todas as mulheres, sem considerar outros fatores que as atravessam, como raça, sexualidade, classe. Tais reflexões foram mobilizadas, dentre outros aspectos, por diferentes estudos feministas que têm colocado em destaque a própria noção de gênero (RUTHERFORD; PETITT, 2015).

Judith Butler, acadêmica feminista, examinou essas questões no livro “Problemas de gênero” (2003), utilizado como base para este trabalho, no qual ela aciona diferentes

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

concepções de gênero e explora suas relações com o poder masculinista. Tais estudos de gênero, notadamente os de Butler, geraram controvérsias na arena feminista, levando a um debate mais incisivo sobre as implicações teóricas e, sobretudo, ético-políticas de determinadas formas de se conceber o gênero no feminismo.

Tendo em vista que essas problemáticas também se estendem à psicologia feminista, e que as reflexões de Butler suscitaram debates relevantes sobre o conceito de gênero, o objetivo desta pesquisa foi explorar justamente as implicações da tese da construção social de gênero de Judith Butler para uma psicologia feminista.

MÉTODO

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa teórico-conceitual em três etapas: (i) Descrição das críticas de Butler às teses tradicionais sobre o gênero; (ii) Caracterização da tese de Butler da construção social de gênero; (iii) Exame de possíveis implicações da tese de Butler para a psicologia feminista.

A principal fonte foi o livro “Problemas de gênero” da autora. Os três capítulos dessa obra foram analisados com base no Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto (PICT) (LAURENTI; LOPES, 2016), que orientou uma análise sistemática dos principais conceitos e teses (tradicionais e alternativas) utilizados por Butler.

A aplicação do PICT em cada capítulo resultou em três resumos, os quais, posteriormente, foram articulados entre si e com a literatura de psicologia feminista, gerando, ao final, uma síntese interpretativa. Esse intertexto sistematizou algumas implicações da tese da construção social de gênero de Butler para a psicologia feminista.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Butler (2003) constrói um caminho em seu livro para evidenciar, ao final, sua tese sobre o gênero. De início, a autora mostra como o feminismo se utilizou da categoria mulher para poder combater as estratégias de dominação masculinistas utilizadas na época, que mantinham as mulheres sob regime opressivo pautado em um ideário biologicista. Com os debates feministas combatendo esse ideário patriarcal, a noção de que a mulher estaria destinada a uma

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

inferioridade biológica deveria, supostamente, cair por terra. Mas como mostra a autora, nem as opressões nem o destino biológico imposto a elas foram depostos.

A filósofa mostra, se utilizando da tese de autores como Foucault, por exemplo, como as teses feministas sobre o sexo e o gênero não podiam romper totalmente com a economia masculinista na qual elas estavam inseridas. Os conceitos e linguagens utilizadas pelas feministas eram conceitos criados “de dentro” da própria economia masculinista opressora, de forma que os discursos políticos produzem alguns certos ideais assimilados pelo próprio feminismo. O ideário de sexo, por exemplo, muito utilizado ao se combater as diferenças sexuais entre homens e mulheres, é uma noção que é proposta por Butler como sendo um conceito criado pelo masculinismo, e não fundante dele. Assim, o sexo é efeito da economia masculinista, e não sua causa. Quando o indivíduo nasce, ele nasce em uma sociedade já significada antes mesmo do sujeito, ou seja, todos os símbolos, noções e a própria linguagem é significada anteriormente à constituição do indivíduo. As noções de sexo, portanto, também já estão presentes. Porém, essas noções são apenas fantasiosas, e existem apenas e somente como efeito, e não como causa da linguagem. Sendo assim, até mesmo o próprio fato biológico fundante para as noções binárias de sexo e de gênero não é assim tão factual, sendo o próprio sexo um construto social, tanto quanto o gênero.

Essa estratégia de fazer parecer com que o sexo seja factual e pré-linguístico mascara as opressões patriarcais que estão presentes desde a nomeação e conceituação das coisas. Nada pode ser acessado anterior à linguagem, pois não podemos significar ou representar aquilo que é pré-linguagem. Sendo assim, se a linguagem é essencialmente uma linguagem masculinista, não há nenhum conceito que conhecemos que esteja fora desta economia. Contudo, Butler aponta possibilidades de ser que se mostram pertencer à margem desse sistema, e que todas as margens são frágeis, de modo que é ali que se fazem presentes e possíveis as contradições e falhas do modo masculinista de significação. Um exemplo trazido pela autora é o de Herculine, indivíduo intersexo que no século XIX se apresentava-se como uma contradição ou uma impossibilidade no âmbito da economia masculinista. Herculine, por si só, demonstrava a fragilidade representativa do sistema, não encontrando lugar nem na biologia, nem na jurisdição e na linguagem, muito menos na religião. Exemplos mais atuais são os das *drag queens* e das travestis, que mostram contradições entre performance, corpo e gênero, já que não se pode dizer que são ou que não são algo apenas pelo modo como se apresentam. Com efeito, elas são

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

exatamente aquela performance contraditória que se utiliza de termos criados dentro do próprio masculinismo para explicitar a fragilidade desse sistema.

Após esse percurso argumentativo, Butler apresenta sua tese sobre o gênero. O gênero, então, não seria uma verdade, um fato anterior ao indivíduo. Não seria subordinado ao corpo. Mas também não seria uma alma, algo externo ao sujeito como um conceito a ser assimilado e performado. O gênero não se expressa na performance, pois não é algo a ser expressado. Na verdade, o gênero é a performance em si, é o ato, é o agir quanto a feminilidade, masculinidade, ou quaisquer outras formas de agir na esfera da economia masculinista, podendo ou não estar em coerência com esse sistema. Além disso, esse ato é, por si só, um ato político. É representar ou não aquilo que se é, representar contradições de uma economia masculinista. Se é a norma ser oprimida, é político não ser, se é a norma ser cis, hetero, ocidental europeu, o não ser é também político. E é nessa subversão dos atos de gênero que se mostra o potencial político subversivo do gênero. É se mantendo na margem, expondo as fragilidades de um sistema patriarcal de poder que Butler mostra a face política do feminismo e de sua tese de gênero dentro das possibilidades em uma economia masculinista.

Sendo assim, se a psicologia feminista é de fato uma psicologia pensada para as mulheres, e uma psicologia que busca os potenciais políticos de resistência e de emancipação das influências opressoras masculinista, o papel de uma psicologia feminista se torna ainda mais político ao entendermos a qual mulher a psicologia atende. Fazer uma psicologia em favor da mulher implica em um conhecimento que abra possibilidades políticas de resistências para as próprias mulheres. É poder validar as contradições do sistema hegemônico e mostrar que há, segundo Butler, uma ridicularização do normal, de forma que aquilo que se denomina normal se encontra não sendo nada mais do que a cópia de um discurso, e uma cópia falha e contraditória. Essa validação seria a forma de a psicologia feminista de fato poder atuar nas contradições da economia masculinista, potencializando suas falhas, podendo estimular vivências que evidenciem incoerências quanto ao método opressivamente patriarcal de performar a feminilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o objetivo desta pesquisa foi o de explorar as implicações da tese de Judith Butler para a psicologia feminista, temos a importância de fazer uma psicologia voltada

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

para as mulheres, e, para tal, é preciso pensar a mulher de forma política. Se tomarmos as relações de gênero e o próprio gênero apoliticamente, podemos acabar mantendo alguns ideais patriarcais existentes na criação de determinados termos e categorias, endossando e reificando ainda mais a dominação masculinista. Sendo assim, pensar o termo mulher politicamente é explicitar as condições sociais e as relações de poder que perpassaram a gênese da formação e criação do gênero, dando relevo aos seus moldes masculinistas, mas também, e a um só tempo, explicitando as margens da normatividade, nas quais as possibilidades subversivas de se mostrar um corpo marcado pelo gênero emergem.

Esta pesquisa limitou-se apenas ao exame de um livro de Butler. Em estudos futuros, cabe uma investigação das implicações da discussão da autora para a psicologia feminista considerando outros livros, nos quais se fazem presentes reformulações e aperfeiçoamentos de suas teses. Cumpre também aprimorar as interlocuções com a autora tendo em vista a pluralidade de vertentes teóricas no âmbito da própria psicologia feminista. Sendo assim, futuras pesquisas podem relacionar e analisar as teses, implicações, pontos de convergência e divergência entre as teses revistas de Butler sobre o gênero e as variadas formas políticas e epistemológicas de uma psicologia feminista.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. Prefácio. In: BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. p. 7-23.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LAURENTI, Carolina; LOPES, Carlos E. Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In: LAURENTI, Carolina et al (org.). **Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos**. São Paulo: Hogrefe, 2016. p. 41-71.

RUTHERFORD, Alexandra. **Psychology at the intersections of gender, feminism, history, and culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

RUTHERFORD, Alexandra; PETTIT, Michael. FEMINISM AND/IN/AS PSYCHOLOGY: the public sciences of sex and gender. **History of Psychology**, Toronto, v. 18, n. 3, p. 223-237, fev. 2015.